

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

FELIZ NATAL TODOS OS DIAS

Ao final de um ano, principalmente nas proximidades do Natal, é comum as Pessoas pararem para refletir: o que fizeram até aqui, para onde vão? Tiveram tempo para tudo na vida, mas não tiveram tempo para cuidar do seu EU verdadeiro, e ainda não sabem quem realmente são, qual a sua real identidade.

Enredando-se nos mais complexos problemas do mundo sensível, perdendo-se nas aflições da emoção e da afetividade, desgastaram-se com as preocupações com o presente e com o futuro, sofreram com tudo e com todos. Passaram a vida toda administrando problemas, como se tudo se resumisse ao que viram, tiveram e sentiram, e não raras vezes, sofreram o estresse de situações das quais não souberam sair, nem souberam resolver.

Confundiram dificuldades com destino, lições da Vida com provações, sofrimentos com castigos. Carregam sentimentos passados de culpa e de vítima, colocando-os como se estivessem no presente.

Arcando com os pesos excessivos das cobranças, das opiniões dos outros e dos julgamentos, sofrem com o medo incontido de novas decepções, com a insegurança e a baixa autoestima - com medo do futuro! Falta-lhes a fé!

Além disso, transferem para o dia de Natal, que deveria ser um dia para

lembrarmos do nascimento de Jesus, todas as suas mágoas, tristezas e decepções, como se o dia 25 de dezembro resumisse todos os dias do ano e às vezes da vida.

No entanto, é apenas um dia! Um dia como todos os outros. E nem corresponde à data do nascimento de Jesus.

Infelizmente, o dia de Natal transformou-se numa data comercial, quase que sem nenhuma relevância espiritual, mas que afeta psicológica e emocionalmente as Pessoas, nem sempre de maneira positiva.

Para nós, estudantes da Filosofia Diretriz, não tem sentido, nem lógica, pensarmos nem vivermos dessa maneira, atraindo pensamentos e sentimentos negativos que só nos prejudicam e prejudicam as Pessoas que participam do nosso caminho, impedindo a nossa evolução consciente.

Como cristãos, devemos pensar em Jesus Cristo todos os dias, refletindo sobre as suas Lições todos os dias, aprendendo a viver como Filhos de Deus, todos os dias. Devemos deixar no passado o que pertence ao passado, com fé em Deus, na Sua Misericórdia e Justiça, renascendo para uma nova vida, todos os dias.

FELIZ NATAL TODOS OS DIAS!

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

A FILOSOFIA DIRETRIZ

No nosso Núcleo de Estudos da Filosofia Diretriz, que abrange a Escola de Ética e a Escola de Fraternidade, que inclui o Curso Preparatório, o Grupo de Teatro e o Curso de Filosofia Diretriz para Crianças, buscamos esclarecer que a Filosofia Diretriz, é a Filosofia do Bem da nova Lei de Evolução Consciente, e que, sendo uma filosofia, é um **sistema** de conceitos, princípios e de pensamentos, que não se confunde com nenhum outro sistema filosófico em termos absolutos.

Tendo por base que DEUS existe e que existe uma ORDEM NATURAL NO MUNDO, que é o Bem, mantida por Leis biológicas, químicas, físicas, naturais, matemáticas, etc., e também por Leis que regem o destino do Ser Humano, a Filosofia Diretriz revela que essas LEIS são Leis de Deus, inderrogáveis, irrefutáveis, e que, do conhecimento delas, a Humanidade evolui.

O estudo da Filosofia Diretriz, com a prática das Virtudes que incorpora, e com a vivência dos Princípios do Bem, faz com que possamos mudar a nós mesmos, desenvolvendo os nossos talentos e potencialidades no sentido do Bem em direção a Deus, unidos aos nossos irmãos de Humanidade.

Possibilita-nos também a descoberta de nosso lugar no Mundo, da nossa posição espiritual, que ninguém pode tirar; ajudando-nos a aperfeiçoar nosso espírito – o que nos traz mais equilíbrio físico, mental, espiritual – e a desenvolver todas as virtudes, inclusive a felicidade.

Embora não seja fácil o viver conforme a Filosofia Diretriz, não é complexo, antes é muito simples, pois a Verdade é simples.

Viver sob a regência da Lei de Evolução Consciente é gratificante, muito interessante, e muito bom! É o sal, o gosto, o tempero da vida! É viver no Bem!

Núcleo de Estudos da Filosofia Diretriz
ESCOLA DE ÉTICA – ESCOLA DE FRATERNIDADE

DIREÇÃO E COORDENAÇÃO: MARIANGELA CAMPOS MACHADO

Rua Afonso Celso, 266 – Vila Mariana – São Paulo – CEP 04119-001

E-mail: escoladeetica@filosofiadiretriz.com

Nosso Site: www.filosofiadiretriz.com

Leia neste Boletim, textos de:

MARLI DE SOUZA: - Estamos todos interligados
SUZY ANTUNES: - Síndrome de Down
SÍLVIA PEINADO: - Juventude e Maturidade
ÉFREN FERNANDEZ POUSA JUNIOR: - Da Questão Social
RENATO GENNARI MAZZAROLO: - A Busca do Entendimento Universal

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

ESTAMOS TODOS INTERLIGADOS

Segundo uma manchete de jornal os governos dos países latinos temem ser atingidos com mais força pela crise que ameaça o mundo, caso a economia da China entre em colapso. "Uma nova recessão seria mais global e nos afetaria mais", conforme estava no jornal. A crise na Grécia abalou toda a Europa e se intercomunica com a que vem afetando os EUA e também a do Japão. Isso mostra como o destino de todos os países está entrelaçado e nos faz pensar que, da mesma forma, também nós estamos todos ligados uns aos outros.

Países ricos não podem mais ser egoisticamente ricos sozinhos. Desenvolvidos ou subdesenvolvidos, todos estão juntos no mesmo "barco". Para evitar que o barco afunde, na crise européia, por exemplo, alguns estão prestando socorro a outros, mas não é um socorro motivado pela "clemência"; mas apenas atos necessários para manter o barco na superfície. Alguns países ricos enviam ajuda humanitária para países subdesenvolvidos, mas não se postam *ao lado deles* para ajudá-los a sair do estado de pobreza e dependência.

É uma crise que reflete causas e efeitos: os países ricos se fecharam em sua riqueza; até ofereceram alguma ajuda aos "pobres", mas da seguinte maneira: nós "fortes, sérios e responsáveis", vocês "fracos, delinquentes e irresponsáveis". Essa ajuda oferecida sem fraternidade "pode até diminuir a febre, mas não cura a infecção", que vai se alastrando; não perceberam que o "organismo" é um só e que a infecção se alastra e não respeita fronteiras. Imaginavam-se protegidos em sua riqueza, mas ela começou a dar fortes sinais de fragilidade.

Por outro lado, os subdesenvolvidos usam a ajuda recebida de forma displicente e não se empe-

nam em corrigir a causa de seus males; se refestelam na corrupção, esbanjam os recursos que chegaram fácil e continuam arrastando seus problemas, sem enfrentá-los de fato. No caso do Brasil, ignora-se a corrupção e ostenta-se o orgulho por sua independência e capacidade de autogestão, enquanto o povo padece em condições desumanas. Nós, do povo, somos envolvidos numa trama que nos tolhe as reações ou mergulhamos no consumismo, na novela, no futebol e outros alienantes, e não fazemos nossa parte. Colhemos efeitos indesejáveis de causas semeadas inadvertidamente.

O que acontece dentro de nosso país reproduz em escala menor o que acontece nessa escala maior, global. Isolamo-nos em nossos bairros, condomínios e edifícios, longe da pobreza que se alastra em volta. Alguns, pouco se importam com quem está fora desse nicho e ainda procuram tirar proveito da situação (impondo cargas excessivas de trabalho, pagando salários incompatíveis, etc.), outros querem ajudar, mas não sabem como, e ainda há aqueles que não empenham qualquer esforço em participar da solução dos próprios problemas e se acomodam na dependência.

Imagino que é como se houvesse uma sala: imaginamos estar dentro dela, enquanto *outros* estariam fora; e pensamos: Como ajudá-los lá fora? Ou ainda: como trazê-los para dentro? Talvez a idéia da "clemência" seja a de que *estamos todos dentro da sala*. Entretanto, partes dela são confortáveis e outras são úmidas e frias, ou seja, ela não oferece condições iguais a todos os que estão ali. Se alguns se limitarem a fornecer "apetrechos" para diminuir o desconforto dos que estão nas partes inóspitas, e estes se limitarem a recebê-los e não se empenharem em consertar as "rachaduras e infiltrações" a situa-

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

ção poderia se consolidar desse jeito; mas não! As rachaduras tendem a aumentar e a infiltração de umidade continua se alastrando até que não haja “baldes, panos ou cobertores que dêem jeito”.

Não sabemos como corrigir o problema da sala. Mas, quem sabe, parte do erro esteja em imaginarmos estar separados por uma “parede invisível”. Deus não nos colocou nessa “sala” desigual; nós a construímos, portanto, somos responsáveis por tudo o que acontece nela. Não há injustiça. O único que sofreu sem culpa neste mundo foi Jesus: para nos ajudar, ensinar e servir de exemplo no Bem.

À medida que aprendemos e semeamos menos causas negativas, colhemos menos efeitos indesejáveis. Na Lei de Evolução Consciente, conforme temos aprendido, os efeitos são utilizados de forma didática, para nosso aprendizado. Portanto, se uma pedra nos atinge, podemos estar certos de que isso não aconteceu injustamente e nem se trata de castigo, mas de lições a serem aprendidas e virtudes a serem desenvolvidas. É isso que Deus nos ensina; ao sermos atingidos por uma pedra não devemos nos voltar contra quem a atirou e revidar, mas pensar: Qual é a lição? Qual é o erro a ser corrigido? O que tenho a aprender com isso?

Nossa tendência humana é de assumir a posição de vítimas, atribuir o erro ao outro e até revidar, e com isso, deixamos de aprender lições preciosas. Imaginamos estar sendo perseguidos por estarmos no Bem, entretanto, o mal pode até se opor, mas não nos atingiria caso não houvesse erros a serem corrigidos.

Na lei de Evolução Consciente, a Justiça pode “diminuir o tamanho da pedra, abrandar a força com que ela nos atinge”, e usá-la como *vacina*. Essa Lei leva muito em conta as boas intenções e o esforço, apesar dos erros e imperfeições, mas vai atuar, permitindo as dificuldades, para nos ajudar a identificar e corrigir os erros, e aprender as lições

que nos são necessárias. Ela nos fornece a “vacina”, mas temos que aplicá-la em nós mesmos.

Uma vez que somos responsáveis pelos males que existem em nosso mundo, também o somos por buscar meios para corrigir as causas desses males e nos esforçar para abrandar o efeito delas sobre nós mesmos e sobre nossos irmãos. Ninguém é inocente, ninguém sofre injustamente; todos nós semeamos causas que geraram efeitos. Então temos que nos submeter ao sofrimento e permitir que os outros sofram? Não, temos que corrigir as causas. Deus não nos criou para o sofrimento. Não devemos nos sujeitar e aceitar as injustiças, mas agir no sentido de por fim a elas. Temos que buscar meios éticos para corrigi-las, pois se não forem éticos, somarão mais causas negativas.

Somos responsáveis pelos males que nos atingem e a nossos irmãos, pois colaboramos na construção desse mundo desequilibrado, que corrompe, que nega o acesso ao conhecimento do Bem, de Deus e das virtudes; que fragiliza o ser humano e o faz perder a consciência de seu valor intrínseco como filho de Deus, portanto, temos o dever de colaborar em sua reconstrução.

Quando buscamos meios Éticos para corrigir as causas, desenvolvemos as virtudes paralelamente e vice versa. No entanto, não podemos corrigi-las, caso não ajudemos também nossos irmãos a trilhar o caminho do Bem e desenvolver as virtudes, sem as quais se tornam vulneráveis às injustiças e sofrimentos. Não se trata, portanto, de uns ajudando e outros recebendo ajuda, mas todos se ajudando mutuamente.

Para que nos ajudemos mutuamente é necessário que todos – que de alguma forma tem a oferecer e a receber – participem do processo de correção das causas (individuais e coletivas), cooperando, buscando meios Éticos, ou seja, se unindo num só grupo coeso, que atue em conjunto para o bem co-

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

mum. Todos os grupos formados nesse sentido devem estar conscientes de fazerem parte de um grupo único e abrangente: a humanidade.

Contudo, há ainda o livre arbítrio, ou a liberdade - no caso dos espíritos com mais maturidade - ou seja, cada um decide se quer ou não participar desse processo de reconstrução de si mesmo e do mundo. Todos precisam ter a possibilidade de escolha e os meios de aderir ao Bem, mas a escolha caberá a cada um individualmente, colhendo, cada um, aquilo que escolheu semear.

Voltemos à idéia da sala. Em ambas as condições da sala há aqueles que não se interessam em empenhar qualquer esforço por mudanças e que se acomodaram ao ambiente. Porém, os que estão dispostos a trabalhar nela precisam adquirir a consciência de que *estamos todos juntos*, pois só assim vamos conseguir trabalhar com a realidade, em unicidade. Todos nós temos potencialidade para colaborar na solução dos problemas que *nos afetam*, independente de qual lado ocupamos na sala. Onde há dependência, que haja liberdade, cooperação e igualdade.

Somos todos iguais, irmãos, filhos de Deus e dividimos essa sala que nos oferece condições díspares. Como podemos contribuir para corrigir essa desordem? De que maneira podemos obter os meios necessários? Como podemos atuar em equipe para obter melhores resultados? Temos que nos unir e procurar, com a ajuda de Deus, as respostas que precisamos, afinal, todos nós temos igual acesso a Ele, assim como temos Sua Essência e Potencialidade. Todos são capazes e têm seu lugar. A Lei de Evolução Consciente, neste caso, nos auxiliará e alavancará todo progresso, pois retribui generosamente o esforço no Bem.

O mesmo se repete em situações particulares: nas relações familiares, no trabalho, nas ruas. Afinal, o outro não é inferior ou incapaz de entender

ou de participar de sua própria construção; talvez, apenas falem elementos com que possa trabalhar racionalmente para modificar algum conceito equivocado. E se for inflexível, exerce seu direito; isso é o livre arbítrio. Quem sabe, precise apenas de tempo para amadurecer? Todos nós tivemos necessidade - e ainda temos - de adquirir muitos elementos novos para modificar ou descartar conceitos equivocados e ainda carregamos outros que sequer percebemos.

Ao invés da postura de oposição, temos que aprender a nos postar ao lado do outro, com respeito, com palavras amáveis, sem pensamentos de crítica, julgamento ou superioridade – que contaminam as relações humanas e produzem resultados negativos. Temos que aprender a nos ligar a Deus, buscar respostas, refletir e aprender a interpretar o que Ele nos diz através dos acontecimentos, sem nos acomodarmos à fragilidade ou qualquer tipo de dependência.

Não basta que haja colaboração, é necessário que nessa colaboração mútua haja reconhecimento da igualdade de essência, valor e dignidade entre os envolvidos. É preciso que haja respeito, compaixão, perdão, bondade, fraternidade e, sobretudo, amor, ainda que não estejamos aptos a amar com tal desprendimento. Afinal, somos todos iguais, todos interligados; alunos dentro da “mesma sala”. Com essa consciência deixamos de ser: “nós” e “eles”, e passamos a ser apenas “nós, filhos de Deus”, que temos em nossas mãos o desafio de tornar essa sala confortável para todos.

“Se você o ajudar (o outro) a tornar-se mais intensamente presente a determinada circunstância de sua vida, você o fará crescer, desabrochar e o encaminhará para Deus, pois cada esforço do homem (de todos: independente de raça, condição social, cultura, etc.) para tornar-se mais humano, o aproxima do Pai que o quer plenamente consciente e livre” (Michel Quoist)

MARLI DE SOUZA

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

SÍNDROME DE DOWN

Escola inclusão: real ou aparente?

O papel da escola na sociedade.

No nosso artigo anterior falamos do papel do Estado na inclusão. Agora devemos analisar o papel da escola na inclusão. A lei existe e já sabemos que não é realizada como deveria, que o Estado deixa muito a desejar. Mas as escolas em sua maioria não se interessam em mudar seu sistema e se adaptarem à verdadeira inclusão. Elas simplesmente aceitam alunos com deficiência para cumprirem uma lei, mas não há real interesse no desenvolvimento do Ser Humano. Conversando com pais de crianças portadoras de síndrome de down em idade escolar, vemos que os problemas por eles enfrentados são praticamente os mesmos: preconceito, despreparo dos professores, desconhecimento da deficiência e falta de vontade de se adequar o programa escolar para uma verdadeira inclusão. Não queremos aqui generalizar que todas as escolas são assim, porém cerca de 90% se encontram nesse patamar. O desafio de muitos pais são os mesmos, mas o interessante é que isso não ocorre só na cidade de São Paulo, mas em outras cidades também como; Curitiba, Manaus, Belo Horizonte, Fortaleza e outras. O relato desses pais coincidem em muitos pontos, quando na procura de escolas para seus filhos, escutam de coordenadores e pedagogos que a escola não tem preparo para recebe-lo, que não saberiam o que fazer, que não têm professores especializados ou que a vaga que até então existia sumiu quando mencionada a síndrome. O que é pior é que há escolas que não aceitam deficientes pois isso geraria um desconforto com a maioria dos pais de seus alunos, pois estes não querem que seus filhos convivam com crianças com deficiência.

Tudo isso existe de forma velada e os pais dessas crianças passam por isso de forma particu-

lar, na maioria ficam impotentes e saem magoados à procura novamente de outra escola que possa aceitar seus filhos. Outros pais optam por processar a escola e fazer valer seus direitos de inclusão, mas não é interessante que isso precise acontecer de forma persuasiva, pois estamos falando de Seres Humanos que se não se sentirem queridos e acolhidos no ambiente em que estão, a inclusão será aparente e eles não se sentirão bem nessa escola. Os pais de crianças com síndrome de down estão querendo se unir e fazer um movimento nacional, protestando contra esse tipo de preconceito velado, e pressionando o Poder Público a se manifestar e realmente fazer com que as escolas se adequem à inclusão proposta pelo Estado, respeitando os portadores de deficiência e permitindo que eles realmente tenham acesso ao conhecimento e desenvolvimento plenos.

Ninguém pode dizer até onde pode chegar uma criança com síndrome de down. No entanto, a sociedade criou o estigma de retardo mental e não acredita em seu desenvolvimento.

De acordo com uma pesquisa feita por uma aluna do 4º ano de psicologia do Paraná e sua coordenadora, docente e mestre em Educação, Cognição e Aprendizagem da Universidade Federal do Paraná Dra. Maria de Fátima Minetto Caldeira e Silva concluiu-se que, “com a efetivação da inclusão escolar, ampliaram-se as buscas por respostas, uma vez que nas últimas décadas ficou evidente que pessoas com síndrome de down têm potencial cognitivo a desenvolver. Deixamos claro aqui que não estamos negando a constatação de lesões em função de alterações genéticas, mas que há a possibilidade de minimizá-las, tendo ficado constatado que o desenvolvimento cognitivo decorre da interação da criança com o ambiente (Fewertein, 1980), (Mantoan, 1997), (Vygostky, 1998) sugerem a solicitação do meio como mediador de aprendizagem, visando a um desenvolvimento significativo.” E mais:

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

“Coriat (1968) em suas pesquisas dizia que a estimulação psicomotora influencia positivamente o desenvolvimento cognitivo da criança com síndrome de down. Nesta pesquisa o grupo controle teve QI 62 e o grupo de crianças com síndromes de down que foram estimuladas nas atividades psicomotoras apresentaram QI médio de 82. Para os autores : o meio pode fazer a diferença.”

Diante disso, creio que as escolas se esqueceram de seu verdadeiro papel e se perderam no materialismo onde o que vale é o dinheiro. A escola deveria ser um ambiente para aprender a pensar, refletir, abrir a mente, conviver com as diferenças, agregar valores, criar oportunidades. - Do que as pessoas têm medo? Não somos todos iguais em essência, Filhos de Deus? Esquecemos de quem somos e nos perdemos no materialismo, no egoísmo, na indiferença. Ensinamos o que aos nossos jovens? Que tipo de seres humanos eles vão ser no futuro? Os nossos jovens estão confusos, não sabem quem são, sentem o vazio da vida, estão sem direção, sem rumo, andam em turmas como marionetes, sem raciocinar, copiando a maioria, sem identidade própria, sem valores. O "bullying" que vemos aumentar cada dia nas escolas, será que não começou com essa educação segregária, separatista e preconceituosa? E o que a escola faz para mudar isso? Nada! Ela é coadjuvante com essa idéia, talvez por medo de perder seus alunos, de contrariar seus pais. Mas não estaria esse caminho errado? Não há interesse em educar, isso foi perdido. Chegam ao ponto de infringirem uma lei para não contrariar pessoas que não acreditam em inclusão. O quanto todos sairíamos ganhando se as escolas se interessassem em se aprimorar em seus estudos de estimulação e cognitivos para todas as crianças deficientes ou não, procurando se adequar e respeitar a individualidade e as diferenças de cada criança, respeitando seu ritmo, incentivando seus talentos naturais, ajudando a descobri-los e desenvolvê-los, trabalhando para o progresso da Humanidade. Infundindo valores morais e éticos em nossas crianças, ensinando-lhes a direção do BEM, seria uma educação mais rica e HUMANITÁRIA.

“Ficou comprovado por pesquisadores que as

condições familiares e ambientais estão relacionados com o desenvolvimento global do indivíduo e as interações vivenciadas podem promover a capacidade de interações do sistema nervoso em função das experiências e das demandas ambientais. (Ferrari ET AL 2001) Isso pode ser verificado no estudo que relaciona motivação e competência em crianças com síndrome de down. Esse estudo verificou uma alta competência das crianças em resolver problemas cotidianos quando o ambiente familiar e a escola se mostraram acolhedores e promovia estimulação adequada das funções cognitivas”

Mas isso não vale só para crianças com síndrome de down e sim para todas as crianças. - Quanto o meio, o estímulo e o aprendizado influenciam o mundo da criança! E a forma hoje de como as escolas estão tratando essa questão vai formar adultos infantis no futuro, pois a criança está sendo comprometida em seu desenvolvimento, uma vez que desde pequena estão torcendo sua visão do que é certo e errado, os valores estão trocados, não existe uma hierarquia de valores correta. O Ser Humano hoje parece não valer nada, sendo tratado como coisa, que pode ser manipulada, dominada, moldada da forma que quiserem. E nós estamos aceitando isso passivamente quando concordamos com esse tipo de educação.

Isso tem que mudar, pois nossas crianças estão em perigo e não vão saber no futuro quem são. Estão perdendo sua identidade. Sejam elas deficientes ou não fisicamente, estamos criando deficientes em espírito. E a escola quando não cumpre a inclusão esta tirando a oportunidade de uma criança se desenvolver plenamente e passando uma idéia errada para a sociedade quando não acredita no desenvolvimento possível dessas crianças. Vamos acordar antes que seja tarde, pois não podemos deixar que idéias errôneas corrompam toda uma geração.

SUZY ANTUNES

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

JUVENTUDE E MATURIDADE

O relacionamento dos pais com os filhos adolescentes não tem sido fácil.

E nesse momento, em que uma nova Justiça está chegando no mundo, é imprescindível que os pais mudem.

Além da fase complexa pela qual os jovens passam e que os leva a agir de modo diferente do que seus pais estavam acostumados - e que deixa os adultos um pouco perplexos e sem ação -, a situação está ainda mais difícil por causa de nossa cultura em relação à juventude, e também por inúmeras vezes agirmos de maneira injusta. A nova Justiça é da Lei da Evolução Consciente.

"Ser jovem deixou de ser uma etapa da vida para se transformar em um estilo de viver".

"Isso significa que, quando a criança entra na adolescência, ela passa a se relacionar com adultos iguais a ela, ou seja, tão jovens quanto ela.

Na questão educativa, esse é um fato complicador. A adolescência é o tempo de amadurecer, mas, se os pais não ajudarem o filho a entrar na maturidade, ele continuará a agir de modo infantilizado."¹

E na questão da Justiça, às vezes vemos numa família reclamações, julgamentos injustos, sem considerar qualidade nenhuma, dos pais em relação aos filhos ou vice-versa, e o primeiro sentimento é de reação. A pessoa se rebela, não aceita porque é injustiça.

"Para muitos jovens, a adolescência é o momento de buscar desafios. Alguns encontram as drogas, outros desafiam a morte por meio de, por exemplo, esportes radicais, outros se dedicam exaustivamente ao culto do corpo perfeito e muitos outros ficam doentes."

Isso significa que eles precisam muito dos pais nesse momento da vida.

E o que seus pais podem fazer?

Em primeiro lugar, podem bancar o lugar de adultos perante o filho adolescente, não esmorecer nem tampouco desistir, por mais difícil que a tarefa educativa pareça.

Ser pai e mãe é um compromisso que assumimos, não é por acaso. É uma energia muito boa quando resolvemos cumprir nossa responsabilidade, pequena ou grande.

É preciso lembrar que pode ser difícil, mas impossível não é.

"O filho precisa da ajuda dos pais, por exemplo, para aprender a adiar e mesmo parar o prazer que busca, para saber dividir seu tempo entre várias atividades e deveres, para saber abrir para outras pessoas e buscar modos de viver bem com elas."

Precisa de ajuda também para participar do grupo familiar, colaborando e dar conta de várias outras responsabilidades consigo mesmo e com os outros, para desenvolver virtudes e para, sempre que conjugar o verbo "querer", aliar a ele outros dois: o "dever" e o "poder".

Para tanto, os pais precisam aprender a ceder algumas vezes e a ouvir o que seu filho diz, seja por meio de palavras, seja por atitudes. Sem cobranças.

Ouvir os filhos, não significa atender o que querem, mas considerar dialogar. E essa, provavelmente, seja a palavra chave do relacionamento entre pais e filhos dessa faixa etária.

Negociar conflitos e demandas com o filho é uma maneira de os pais o ajudarem a perceber que ele pertence a um grupo que segue alguns valores e princípios que são inegociáveis, mas que, ao mesmo tempo, reconhecem o crescimento do filho e, por isso, valorizam sua busca de autonomia.

Só que essa negociação deve priorizar a exigência do desenvolvimento de sua maturidade.

A responsabilidade dos pais é grande nesse momento da vida do filho e não apenas com a família e com ele próprio.

Afinal, são esses jovens adolescentes que serão os responsáveis por nosso futuro bem próximo.

SÍLVIA PEINADO

1 Extraído do texto de Rosely Sayão

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

DA QUESTÃO SOCIAL

O campo de análise aqui tratado, abordado dentro da questão social, teve como base os fundamentos éticos da vida social. Dois trabalhos foram de suma importância no levantamento destas questões pontuais que asseveramos sobre as idéias de progresso e justiça. São elas: “Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais” de Axel Honneth – Editora 34, 2003 e “A Igreja e a Questão Social” de C. Van Gestel O. P. – Editora Agir, 1956.

1. A idéia de progresso em nossos dias

Em tempos de globalização, como os que vivemos hoje, as características dos problemas sociais assumem um caráter muito mais acentuado quanto à sua amplitude e profundidade. Em épocas passadas, diferentemente, os problemas afeitos às questões sociais eram mais intimamente ligados a fatores específicos e restritos, por exemplo, limitados a uma determinada região geográfica, ou restritos a um determinado setor social, tal como aconteceu, respectivamente, nas diversas carências pela falta de alimentos na Idade Média por todo continente europeu e nos casos das crises econômicas que subjugaram a classe operária, também da Europa, em meados do século XIX.

Hoje, a emancipação progressiva do homem, intimamente ligada às inovações tecnológicas e a uma estrutura de sociedade que busca, cada vez mais, um início de novos rumos de vida, adaptando-se às exigências do mundo moderno que o circunda, tem afastado de certa forma o ser humano da cultura de seu próprio espírito de fraternização das relações humanas, do progresso moral, do progresso social, aproximando-o bastante da busca pelo progresso material.

O progresso material passa a incrementar dois fenômenos na sociedade hodierna que necessitam ser contidos: o domínio e dependência crescente do homem sobre a matéria e a unificação do mundo pela técnica. A dependência sobre a matéria é mais prejudicial que a

unificação pela técnica, pois passa a criar uma saturação das necessidades primárias e secundárias do indivíduo a ponto de não conseguir mais emancipá-lo das servidões materiais, passando este ser humano a viver em um mundo de utopias e com projetos de sobrevivência não realizáveis no presente, nem num futuro relativamente próximo.

A unificação pela técnica, ao contrário, só passa a ser prejudicial no momento em que ultrapassa o ponto de satisfação ou de proteção das necessidades pessoais de uma determinada sociedade. Quanto a sua saturação, por exemplo, em matéria de gêneros alimentícios ela, talvez, seja concebível e salutar, haja vista que inclusive facilita o intercâmbio entre os povos e robustece a solidariedade internacional, mas será inconcebível em matéria de produtos bélicos produzidos em um convênio firmado entre países.

Por outro lado, o progresso social somente pode ser alcançado através do progresso moral de cada um, isto porque os problemas sociais, por sua simples existência, tendem a desenvolver nas pessoas de bem valores humanos essenciais, que são os valores morais, como o respeito à vida, à verdade, ao amor e que não podem encontrar sua solução (os problemas sociais) sem a prática destes princípios morais que englobam, inclusive, mas em certo grau, o progresso material.

Neste sentido, a ascensão da humanidade a um plano mais elevado de humanismo, impõe às pessoas que se encontram no Bem terem plena consciência de seu poder, de seu valor, de suas possibilidades para atuarem na renovação e progresso mundial que se processam hoje e que revolucionam profundamente as condições de vida dos seres humanos.

2. A idéia de justiça em nossos dias

Entendemos a justiça como o primeiro requisito para a caridade. A justiça ampla deve, portanto, preceder à prática da caridade e a caridade deve complementar e

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

consumar a justiça. A justiça por si só não elimina as diferenças sociais, ela apenas delimita e define os direitos de cada ser e com isto consagra certas barreiras e distâncias (garantias). A caridade, ao contrário, não cria apenas a ordem, mas através da bondade e da fraternidade que surgem com ela, cria a alegria da vida.

Jesus tratou da idéia de justiça ao afastá-la da concepção “olho por olho, dente por dente”, em que se retribuía a bondade com bondade, mas também à maldade com maldade, à violência com violência. Assim disse: Isto não basta! Enquanto estiveres dominado pelo desejo de retribuir golpe por golpe, de revidar todos os ataques, de vingar todas as injustiças serás sempre e cada vez mais injusto... Ou ainda, Romano Guardini em sua obra “O Senhor - meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo”: O homem só pode ser justo procurando mais do que a justiça, não só quantitativamente, como qualitativamente. Deve procurar uma força que aniquile a potência da injustiça e da violência, que crie um espaço em que a violência seja capturada e desarmada: a caridade. Estas duas posturas de justiça, assim entendidas, constituem a base da ordem social, ou pelo menos devem constituir os alicerces de estudo da questão social em nossos dias.

A justiça social é aquela que exige de todos e de cada um tudo que é necessário ao bem comum (bem da coletividade). A concepção individualista define este bem comum como a simples soma dos bens particulares, de modo que entre os dois haveria uma distinção meramente quantitativa, mas a doutrina tomista atribui a este bem comum uma primazia qualitativa sobre os bens particulares onde a sociedade diz mais que a simples soma dos indivíduos, constituindo uma realidade distinta de suas partes, assim o bem comum diz mais que a soma dos bens particulares e os excede em valor. E, desta forma, esta justiça porque diz respeito ao bem geral e porque reclama o exercício de muitas outras virtudes quase se assemelha ao conceito de justiça ampla. Diferencia-se apenas porque quando o poder civil transforma em obrigações legais muitas das exigências destas virtudes gerais passa a se chamar de justiça legal.

Podemos ainda dividir a justiça social em justiça comutativa e caridade. A justiça social é a equidade e se situa entre a justiça comutativa e a caridade porque tem algo de comum com ambas. A justiça social não tem por fundamento uma obrigação estritamente definida,

mas baseia-se numa obrigação moral e tem de comum com a caridade a característica de exceder as exigências da estrita justiça. Já a justiça comutativa tem por objeto todas as relações entre indivíduos e grupos particulares e protege rigorosamente os direitos de cada um. Sua transgressão obriga a restituição ou indenização (condição primordial da ordem social). Perfaz-se através da idéia de que “não devemos receber por esmola aquilo que nos é devido por direito” como acontece ao recebermos um salário justo, pagar uma dívida com juros honestos ou pagar um preço razoável por um bem. Em todos estes casos de justiça comutativa há uma consciência de dignidade e direito que se mostram particularmente sensíveis ao cumprimento das obrigações contraídas pelos cidadãos.

A justiça pode também ser subdividida em justiça distributiva, aquela que procura repartir equitativamente entre autoridade e subordinados os ônus e benefícios da vida em comum, de acordo com os méritos e capacidades. Diferentemente da justiça comutativa não realiza uma igualdade perfeita, mas se esforça por distribuir da melhor maneira as vantagens e obrigações da vida em comum entre os indivíduos e os grupos. Este tipo de justiça passa a ter uma significação crescente em nossos dias porque há uma intervenção crescente do Estado (como autoridade) na vida social e econômica da população (como subordinados) – contribuições e renda nacional a beneficiar todos os grupos da população.

Resumindo: praticar a justiça social é considerar-se como servidor do bem comum e compreender que tudo que aperfeiçoa o indivíduo (progresso social/moral) enriquece o patrimônio da sociedade. É ter consciência das repercussões profundas de nossas atividades e ter a ambição de ser útil à humanidade inteira; inteira esta, que na visão de Tomás de Aquino, deve ser entendida como a comunidade de todos os homens sob as ordens de Deus. Na vida social as obrigações não decorrem unicamente da estrita justiça. Existe muitas vezes uma obrigação moral mesmo onde não há nenhum direito propriamente dito (justiça legal). Os deveres que a caridade, a justiça e o progresso nos impõem não são objetos exclusivos da coação legal, mas devem, sempre, obrigar nossa consciência nas análises das questões sociais.

ÉFREN FERNANDEZ POUSA JUNIOR

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

A BUSCA DO ENTENDIMENTO UNIVERSAL

Muito se fala hoje, em disputas teóricas entre ateus e crentes (lato sensu) ou entre religiões entre si. A meu ver, entretanto, essas discussões são estéreis, improdutivas na prática, pois são baseadas em saber quem possui ou não a razão a respeito de determinado tema, sem propor realmente soluções para os problemas da humanidade.

A discussão deveria ser por qual meio todas essas pessoas, religiosas ou não, seres humanos que somos, podemos buscar uma forma de entendimento que vise o bem de toda a humanidade. Um entendimento pelo qual pudéssemos vivenciar o fim da miséria, preconceitos, guerras, sistemas econômicos predatórios, escravidão, indignidade da pessoa humana, corrupção, sofrimentos, etc.

Mas antes de buscar essas soluções analisemos a disputa entre 'crentes', (no sentido amplo) e 'ateus'. As religiões, todas elas, possuem argumentos respeitáveis e outros nem tanto a respeito da vida, morte, condutas e de Deus. Inicialmente as religiões surgiram principalmente com base em dois motivos, um, o mais nobre, que foi a busca do bem comum de pessoas de determinado agrupamento social e outro, como instrumento de dominação popular ante ao temor do Deus vingativo, sobrenatural.

Como sabemos, dentre aquelas religiões que foram criadas para o Bem (as outras não merecem comentários), por serem dirigidas por seres humanos (falíveis e suscetíveis as influências do meio), perderam-se em egoísmos, ego-centrismo e em discussões de somenos importância, como por exemplo, celibato, possibilidade de segundo casamento, santos, comunhão, ri-

tuais, vestimentas, alimentação, superioridade em relação a outros seres humanos, etc.

Pelo que consta da História, os grandes 'mestres' da humanidade, como Buda, Confúcio, Moisés, Lao Tsé, Maomé e principalmente Jesus de Nazareth, vieram a esse mundo ensinar uma filosofia baseada nas Virtudes (amor, respeito, coragem, esperança, justiça, tolerância, verdade, harmonia, fraternidade, humildade, bondade, gratidão, etc.) e a conseqüente e natural evolução da humanidade para o Bem maior, que para nós é Deus e o seu Reino. Fica evidente, que a propagação de dogmas, principalmente cristãos, fez com que uma parcela da humanidade, culta e desenvolvida intelectualmente se colocasse contrária a idéias religiosas e conseqüentemente de Deus. Exemplo claro, não cristão, de descrença em religiões é a existência de atos terroristas justificados pelo Islã, nos quais se ceifam vidas humanas em nome de 'Deus'. Forma-se com isso um grupo cada vez maior de 'ateus', pois com base na razão e na lógica, rebatem facilmente esses dogmas e acabam, por conseqüente, negando tudo o que diz uma religião, mesmo aquilo que seria justo, bom e correto.

O 'x' da questão é que a maioria dos 'ateus' assim o é, em decorrência das religiões e desses dogmas muitas vezes inaceitáveis. Se para a sociedade atual, Deus está totalmente atrelado à religião, fica 'fácil' ser ateu, pois não necessitamos pensar muito para não concordar racionalmente com tantas impropriedades religiosas. Acontece que, como já dito, Jesus de Nazareth, não veio criar uma religião, veio na verdade ensinar uma filosofia com base nas virtudes, demonstrando aos seres humanos que só é

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

possível ser realmente feliz nessa vida fazendo o Bem, evoluindo e buscando a Deus. Não o Deus-Homem das religiões, mas o Deus-Cósmico, aquele que é energia vital do Universo e que todos nós possuímos em essência.

Sendo assim, muitos daqueles que se dizem 'ateus', combatem na verdade as religiões e não a Deus propriamente dito. Em seus livros, trabalhos e estudos, muitos 'ateus' pregam exatamente o aperfeiçoamento humano com base no desenvolvimento das virtudes, como forma de solução de conflitos e da busca pela tão sonhada felicidade. Podemos citar o filósofo contemporâneo e 'ateu' André Comte-Sponville, que em seu livro 'Pequeno Tratado das Grandes Virtudes', indica aos seus leitores que o agir no bem desenvolvendo as virtudes, faz com que o ser humano se sinta realizado e com isso seja capaz de influenciar positivamente toda sociedade. Podemos notar que na verdade, muitos ateus e cristãos estão próximos em seus pensamentos, esbarrando mais uma vez em dogmas de um lado e na intolerância do outro.

Dito isto, cabe a nós formadores de opinião, pessoas que atuam diretamente na sociedade, buscarmos a atenuação constante e progressiva das mazelas existentes em abundância na humanidade. Ateus, católicos, evangélicos, espíritas, budistas, judeus, hindus, muçulmanos (...), todos podem e devem ser respeitados em suas crenças (ou não crenças), devendo, em contrapartida respeitar as outras linhas de pensamento. Mas o que realmente importa é a nossa posição como seres humanos, participantes da humanidade, e assim buscarmos um ponto de convergência mais alto em que se liguem todas as crenças e não crenças. Para nós, alunos da Filosofia Diretriz, baseados também em grandes filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant, Spinoza, Santo Agostinho, Teilhard de Chardin, Pietro Ubaldi (todos dentro das limitações de sua época) dentre outros, este ponto mais alto,

onde pode se ligar toda a humanidade é o Bem, que nada mais é que a soma das virtudes, desenvolvidas e limitadas entre si. Ora, peguemos, por exemplo, uma grande mazela da humanidade atual que é a miséria. Podemos ser ateus, católicos, evangélicos, espíritas (...), se aplicarmos as virtudes, esse problema específico poderia ser resolvido. Vejamos; não há lugar para a miséria, onde há amor, fraternidade, respeito e justiça, podendo as virtudes ser aplicadas por qualquer pessoa, independente de religião, nível cultural, intelectual, etc. Imaginemos governos aplicando as virtudes em todas suas ações!? Não haveria espaço para corrupção, loteamento de cargos, miséria, insegurança, desrespeito, etc. E ainda, a aplicação das virtudes em nossa casa, em nossa família? Que vida diferente seria com a aplicação diária da alegria, da tolerância, da harmonia!

Pode parecer que estamos falando de uma utopia, mas esse ponto mais alto que aqui colocamos, é de fato a forma mais lógica, racional e ao mesmo tempo de fé, no ser humano e em Deus, para que consigamos sair desse turbilhão de preconceitos, injustiças e ingratidões, em que vive a humanidade nos dias atuais. Para podermos aplicar as virtudes aos casos concretos, devemos primeiro aprendê-las, desenvolvê-las e depois, com o uso obrigatório da razão que nos foi dada por Deus, agir no caso concreto.

Dito isto, concluímos que podemos ter a crença desejada, seguir ou não a religião que entendemos razoável, mas sempre sabendo que agindo no Bem e buscando o desenvolvimento e aplicação das virtudes, conseguiremos um entendimento Universal. Este ponto de convergência proporcionará a toda humanidade uma nova forma de se viver, e assim, estaremos fazendo, queiram ou não acreditar, a vontade de Deus na Terra.

RENATO GENNARI MAZZAROLO

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

A INSATISFAÇÃO NO TRABALHO

DEPRESSÃO E ESTRESSE LIGADOS AO TRABALHO

Os jornais têm publicado pesquisas que revelam que as Pessoas estão muito insatisfeitas com o trabalho que realizam, tanto no que se refere à remuneração quanto ao próprio ambiente profissional.

Segundo o jornal *"Folha de São Paulo"*, de 25 de novembro de 2.011: *"O mercado de trabalho tornou-se um foco de doenças como depressão e estresse. A tendência já se reflete em forte aumento no número de brasileiros afastados pelo INSS por esse tipo de problema de saúde."*

No mesmo jornal, em 23 de outubro de 2.011, a reportagem:

"Infelicidade no trabalho atinge 1 em 3 profissionais."

Mercado aquecido frustra trabalhadores, que sentem-se motivados a ascender rapidamente, dizem especialistas."

Qual o motivo de tanto descontentamento no trabalho e com o trabalho?

Por que tanta infelicidade e doenças decorrentes do trabalho?

Se respondermos a essas questões como o fizeram os chamados especialistas, ficaremos presos no mesmo círculo vicioso do materialismo contemporâneo e, portanto, sem saída.

Segundo o mesmo jornal, os motivos da infelicidade são:

"69% - falta de perspectiva de crescimento;

36% - falta de desafios;

36% - insatisfação com a remuneração."

Ora, todo Ser Humano tem direito ao trabalho e a uma remuneração digna, mas esta não pode ser a única finalidade do trabalho.

O trabalho é um meio de desenvolvimento, de evolução do Espírito, de progresso da Humanidade.

Para a Filosofia Diretriz, existe a Lei do Trabalho, que é uma Lei de Deus que atribui a cada Pessoa a sua tarefa, o seu trabalho para o exercício de seu talento e o desenvolvimento de suas habilidades.

Todo trabalho, seja de que natureza for, deve ser gratificante, não porque é bem remunerado, mas porque quem o realiza, trabalha com gosto, com satisfação, na realização de seu EU verdadeiro.

Foi o materialismo ateu que tirou do trabalho a sua gratificação moral, psicológica, espiritual, tornando-o meramente um fator econômico de desenvolvimento social de massa.

Descaracterizando o trabalho, esse conceito materialista ateu trouxe a insatisfação, a infelicidade e a doença para os que, imprudentes e desavisados, desatentos e desligados de Deus, interiorizaram essa ideia e levaram para a sua família a negatividade que ela não merece.

Sem a mudança desse conceito de trabalho, nada mudará.

ÉTICA E FRATERNIDADE

BOLETIM INFORMATIVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA FILOSOFIA DIRETRIZ –
Nº 05 - Dezembro/2011 – Distribuição Interna
www.filosofiadiretriz.com

NOSSOS TRABALHOS DE ASSISTÊNCIA FRATERNA

Neste final de ano, fazendo um retrospecto sobre tudo o que nós, como Alunos da Escola de Ética e da Escola de Fraternidade Diretriz, pudemos fazer em benefício dos nossos Irmãos mais necessitados, uma ideia vem-nos à mente: parece um milagre!

Sim, parece um milagre, mas não foi e não é um milagre. Foi e é apenas o resultado da nossa adesão à Lei da Fraternidade, fazendo cada Aluno o que de melhor pode fazer, assumindo a responsabilidade do seu trabalho individual e em conjunto, mantendo a união, a harmonia, o respeito e a fraternidade entre todos.

A esse trabalho de coesão de forças, de dedicação, de disciplina, muitas vezes aliado a dificuldades que foram sendo superadas, o Plano Espiritual Superior, que são as Inteligências Superiores que promovem a Evolução da Humanidade, correspondeu com uma ajuda imensa que tudo superou, como se recebêssemos um milagre.

Fomos todos ajudados!

As Leis de Deus manifestaram-se de maneira evidente: conseguimos superar os embaraços e os preconceitos projetados. E sem sofrimento!

Como afirmou Jesus Cristo:

"...o meu jugo é suave, o meu peso é leve".

Mas ainda falta muito a fazer, todos sabemos.

Até agora, nosso trabalho foi apenas um "treino" para o trabalho maior - estamos apenas aprendendo!

E se estamos aprendendo - e com isso evoluindo - só temos que agradecer a DEUS pela oportunidade desse trabalho, que é em tudo e por tudo, muito gratificante.

Em contato com nosso Irmãos em sofrimento, o pouco que fazemos parece tornar-nos mais humanos, mais "gente", mais tolerantes, apesar dos nossos erros, falhas, ignorâncias. Pois estamos começando a ter consciência de que sem fraternidade não pode haver felicidade, e que o "Ama ao próximo como a ti mesmo", como disse Jesus, não é um conselho, mas uma Lei de Deus.

Que a nossa gratidão a Deus nos ajude a entender que Fraternidade não é apenas um direito - é também um dever!